

“Cara Valquíria, como teria sido? Quem poderá dizer?” – Angicos 40 horas, 1962/1963

Valquíria Felix da Silva

Resumo

131

O recebimento do Título de Cidadão Angicano, em 3 de abril de 2013, propiciou o reencontro de vários coordenadores de círculos de cultura que, em 1963, atuaram em Angicos. Na rememoração dos fatos antecedentes à experiência de alfabetização de adultos, destaca-se o treinamento dos estudantes universitários selecionados, realizado nos seminários de formação conduzidos por Paulo Freire, em Natal, com a lista de temas e palestrantes e, também, a transcrição de anotações de aulas. Uma vez treinados, eles foram a campo para a pesquisa sociológica e o levantamento do universo vocabular. Em 24 de janeiro de 1963, aconteceu a aula de cultura e no dia 28, iniciou-se a alfabetização. A partir das reais necessidades surgidas, os coordenadores, seguindo a orientação de Paulo Freire, reuniam-se diariamente para analisar a prática do dia anterior, recriando e aperfeiçoando o método. Mas, aquilo que era promissor se transformou, em 1964, em algo a ser renegado.

Palavras-chave: mobilização de estudantes universitários; coordenadores de círculos de cultura; pesquisa de universo vocabular; alfabetização de adultos; Angicos (RN).

Abstract

"Dear Valquíria, how would it have been? Who will be able to say?" – Angicos 40 hours, 1962/1963

The conferral of Honorary Angicano Citizen, on the 3rd of April of 2013, enabled a new meeting between various coordinators of the culture circles who, in 1963, acted in Angicos. On the recalling of facts prior to the experience of alphabetizing adults, the training of the chosen college students stands out. It happened during the seminars of formation, conducted by Paulo Freire, in Natal, with a list of topics and lecturers, as well as the transcription of notes taken. Once trained, the college students went into the field in order to do a sociological research and a survey on the vocabulary universe. On the 24th of January of 1963, the cultural action took place and, on the 28th, alphabetization started. From the emerged real needs and, under the guidance of Paulo Freire, the coordinators would meet every day to analyze their practice from the previous day, recreating and improving the method. Nevertheless, that that was something promising became something to be renegaded in 1964.

Keywords: college students' mobilization; coordinators of culture circles; survey of the community's linguistic universe; adult literacy; Angicos (RN).

Essas palavras de Calazans Fernandes, jornalista e, à época de 1962, secretário estadual de Educação, na dedicatória de um exemplar do livro de sua autoria, *40 horas de esperança*, a mim presenteado, e as comemorações dos 50 anos da experiência de alfabetização de adultos em Angicos mobilizaram-nos para, enfim, tentar responder a parte dessas indagações. E responder com a força do sentimento e dos fatos vividos e trazidos ao presente pela grata e intensa lembrança daqueles momentos de profundo aprendizado, quer pela convivência com o mestre Paulo Freire, quer pela comunhão com uma amostra populacional daquela cidade, alfabetizada por meio de um projeto inovador.

Primeiro, faço a ressalva de que não respondo pelo futuro que se descortinava – “como teria sido” – porquanto, em razão das sombras que sobre nós se abateram pelo súbito e equivocado apagar das luzes, não poderia ter visto concretizadas as luzes do saber que se anunciavam promissoras no resgate de seres excluídos do processo educativo – os analfabetos. No entanto, habilitam-me a reacender a memória e rever os poucos papéis e documentos salvos graças a um repositório escavado na casa onde residia, nos idos dos anos 60, e pergunto-me: O que mais dizer a respeito de uma experiência, de uma obra, de um autor considerado a maior referência mundial em alfabetização de adultos?

Essa pergunta se faz pertinente porque, no artigo publicado na revista *Escola & Vídeo*, Eliane Sondermann e Simone Lima (1994) registram que, em 1987, já se contava uma produção de mais de seis mil títulos entre livros, artigos e teses escritos

sobre a vida e a obra de Paulo Freire, notadamente a experiência das 40 horas de Angicos, no Rio Grande do Norte.

Ao me reposicionar na condição de protagonista da experiência, juntando esses fragmentos de material e memória, acrescidos dos escritos de um dos integrantes do grupo de alfabetizadores – Carlos Lira, colaborador incansável que, na condição de jornalista, registrava todos os nossos passos e falas –, pude ver desenhada a possibilidade de também reconstruir parte dessa história, agora colorida pelas tintas da vivência, e trazê-la para este instante que se faz real.

Outro reforço substancial foi colhido no reencontro com os companheiros de jornada – coordenadores¹ de círculos de cultura –, recentemente havido em razão do recebimento do Título de Cidadão Angicano, conferido pela Câmara Municipal de Angicos, no dia 3 de abril de 2013, como parte dos eventos comemorativos do cinquentenário da experiência ali desenvolvida.

Num esforço de rememoração dos fatos acontecidos, a mistura das lembranças persistentes nas mentes individuais formou uma caudalosa mente coletiva, o que tornou possível reviver momentos e destacar episódios que saltaram para o tempo presente com o vigor que brota das experiências vividas com intensidade.

Talvez comporte aqui uma indagação: Por que só agora me disponho a registrar o que se vivenciou depois de tantos anos e de tantos escritos de doutores, professores, pesquisadores nacionais e estrangeiros?

Hoje, com a maturidade, ressalta com clareza que a vida é movimento incessante, flui e reflui. Vem à mente a afirmação de Juscelino Kubitschek de Oliveira, que sempre me impressionou e encantou pela verdade que dela emerge e pela força majestosa da convicção: “Na vida, por mais obstinados que sejamos na consecução dos nossos objetivos, muita coisa acontece à nossa revelia”.

E é nesse fluir da roda da vida que nos enredamos na teia que nos liga e religa, envolvendo encontros de verdades e equívocos, de certezas e dúvidas, de conveniências e discrepâncias, de oportunidades e circunstâncias, ou seja, um fluir permanente que cria e recria, sempre nos levando a percorrer caminhos e caminhos. Por vezes, somos obrigados a premiar as exigências do mundo dito real, objetivo, materialista, que é fato, não se nega, porquanto visivelmente necessitado de ser cuidado para nos garantir sobreviver.

Ao tempo, aquilo que era promissor se transformou, subitamente, em algo a ser renegado. Vivia-se um tempo diferente com suas exigências que determinaram a busca de alternativas de rumo e novo cuidar, com responsabilidade, das profissões assumidas.

Não é raro que fatos importantes da vida, como este do qual falo, passem a fazer parte apenas da história e já não se possa mais representá-los, sobretudo quando se foi sujeito de episódios traumatizantes que marcaram, psicológica e emocionalmente, pessoas de bons propósitos.

Mas, à distância, o acompanhamento de que a semente plantada germinou e floresceu muito bem nos alimentou e alimenta, pois vimos, claramente, que, apesar dos percalços, aquela criação salvadora já não pertencia a poucos, já não dependia

¹ Dilma Ferreira Lima, Gizelda Salles, Lenira Leite, Marlene Vasconcelos, Rosali Liberato, Valdinece Correia Lima.

de um grupo, pois já incorporada ao domínio de outras mãos, de outras cabeças que lhe deram acolhida e lhe dão sustentáculo e prosseguimento cada vez mais enriquecedor.

Aqui, cabe lembrar as constantes afirmações de Paulo Freire no sentido de mostrar que o compartilhar, o ouvir o outro, o manter-se com uma atitude de abertura são fundamentais, em qualquer empreitada, notadamente quando se trata de educação. Dizia ele: "Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo; os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo" (Freire, 1987, p. 68). Uma criação, uma construção que tem alimentado discussão, pede atualização, está viva e se recria constantemente pela pujança de sua própria força.

Agora, retomando a história, pode-se dar um comando ao cérebro, para, sem medo, reviver a experiência, plena de satisfação e, ao final, assustadora. Paulo Freire repetia com muita convicção: "Angicos não mudou o mundo, o que nós fizemos aqui durante alguns meses, não mudou o mundo, mas marcou. No futuro próximo, Angicos será compreendida como o ponto de transformação da educação brasileira".

Decorridas cinco décadas dos contatos iniciais com o Mestre da Esperança, como foi cognominado Paulo Freire, algumas coisas não ficaram bem esclarecidas: o porquê da condenação do método, as prisões e os exílios. Tudo isso se apresentava sem justificativa e compreensão. Que ameaça representava? Qual o mal que se fazia? Nada se respondia...

As circunstâncias do encerramento abrupto das experiências pós-Angicos no início do ano de 1964 e do trabalho em curso em Natal, Mossoró, Caicó, Macau e Sergipe e, conseqüentemente, a não implementação de uma segunda etapa prevista para os já alfabetizados quando da realização do seminário formador de coordenadores foram traumáticas e nos obrigaram a nos distanciar e esponjar o pensamento.

Isso não somente pela necessidade de superar frustrações, mas até por uma questão de dar prosseguimento à vida. Os equipamentos e materiais utilizados foram quase que totalmente destruídos, em face das ameaças que pairavam sobre todos aqueles que haviam participado da experiência.

Fatos antecedentes

Transcorria dezembro de 1962, fim de período letivo na Universidade, de provas finais e, como sempre ocorria, programação de atividades dos movimentos estudantis no Estado, em geral capitaneados pela União Estadual dos Estudantes (UEE) e pelos diretórios acadêmicos que atuavam vigorosamente nas lutas pelas questões de interesse local, regional e nacional.

A UEE, integrada a organizações de diversas tendências, como a Ação Popular e a Juventude Universitária Católica (JUC), engajava estudantes, cabeças jovens questionadoras, nas lutas pelos ideais de justiça social, em consonância com o discurso desenvolvimentista da época, inclusive com as posições liberais da Igreja, que, depois de João XXIII, liderou propostas e movimentos semelhantes aos do pensamento político-ideológico progressista. Entre outras iniciativas, a UEE, sob a

presidência do estudante universitário Marcos José de Castro Guerra, eleito seu presidente em 1962, integrante também da JUC, foi atraída por uma constelação de interesses convergentes para articular universitários de diversas áreas.

E qual a proposta, qual a iniciativa? Era formar um grupo multidisciplinar a fim de participar de um projeto visando alfabetizar jovens e adultos, a ser implantado no interior do Rio Grande do Norte, mais precisamente em Angicos, terra natal do governador do Estado, que previa libertar mais de 100 mil norte-rio-grandenses do analfabetismo.

De início, até se temiam interferências político-partidárias que pudessem atrapalhar o andamento dos trabalhos, justamente porque eram todos sabedores da base de sustentação do método, ou seja, diálogos capazes de promover uma conscientização social e política dos participantes-alunos que, alfabetizados, se transformariam num grande celeiro de votos não mais encabrestados.

Releio a reportagem “Educação na quadragésima hora”, publicada na revista *O Cruzeiro*, edição de 4 de maio de 1963, assinada pelo jornalista Adirson de Barros, e transcrevo o seguinte trecho:

O governador Aluísio Alves não discute a sua sucessão, pois ninguém aqui tem condições de fazer cálculos políticos para 1965 tomando como base o atual eleitorado do Rio Grande do Norte. Qual o motivo? O motivo chama-se Angicos.

Na semana passada, o presidente da República – depois de viajar mais de mil quilômetros de “Caravelle” até Natal e mais 156 quilômetros num DC-3 da FAB – deu a aula de encerramento, ou quadragésima hora de aula do mais rápido e eficiente curso de alfabetização de adultos que se conhece [...]

[...] Na quadragésima hora, o senhor João Goulart recebeu cartas escritas por ex-analfabetos, pessoas alfabetizadas e politizadas democraticamente [...]

[...] Podem-se fazer cálculos políticos, inventar candidaturas em potencial, armar esquemas, fazer hábeis jogadas de bastidores, tendo como massa de manobra um eleitorado inteiramente novo, que sabe ler e escrever e se desvencilha dos coronéis do interior [...]. Pois votar bem é o que foi ensinado [...]

[...] Não é possível esconder uma verdade: tanto quanto os coronéis udenistas e pessedistas, os comunistas não toleram o que foi feito em Angicos [...].

Esse projeto fazia parte de um plano geral de educação do governo do Estado, aprovado pela Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (Sudene), com recursos de diversas fontes, e incluía também formação, treinamento de professores, restauração da rede escolar primária, construção de salas de aula e prestação de assistência alimentar, médica e odontológica a todas as crianças matriculadas na rede estadual.

O primeiro passo seria proceder a uma seleção entre estudantes, a serem treinados por meio de seminários conduzidos pelo próprio educador Paulo Freire – na época coordenador do Movimento de Cultura Popular e diretor do Serviço de Extensão Cultural da Universidade de Pernambuco – e sua equipe.

Os seminários elencavam, em seu programa, temas de interesse regional e nacional e cuidavam de transmitir informações, dados estatísticos, análises sobre a nossa realidade, técnicas sobre o novo método audiovisual de alfabetização de jovens e adultos, bem como seu embasamento teórico, sua prática e os resultados já obtidos.

Os resultados até então se restringiam às experiências embrionárias levadas a efeito no salão paroquial da igreja Nossa Senhora da Saúde, no Poço da Panela, no Recife, onde moravam os alunos – homens e mulheres. Teve como aplicador da experiência um estudante de Medicina, de nome Carlos Augusto Nicéas de Almeida, que também trabalhava no Movimento de Cultura Popular. Outra aplicação ocorreu com um pequeno grupo de cinco analfabetos, migrantes da zona rural, no Centro de Cultura Dona Olegarinha, no Recife.

O fato é que, apesar do entusiasmo de Paulo Freire e de toda a equipe, estavam eles convictos e diziam claramente que o sistema não era ainda um produto acabado. Reconheciam que alguns aspectos necessitavam de maior sistematização, sobretudo nas sutilezas, minúcias e detalhes que certamente surgiriam durante a prática. Sabiam de antemão que somente a prática poderia ensejar tal complementação, daí insistirem constantemente para que fosse mantido em alerta o senso crítico e, assim, se pudesse avaliar o processo em cada etapa, pois estariam prontos para nos acudir a qualquer hora.

Seminários de formação de coordenadores

Realizaram-se, então, nas dependências da Faculdade de Direito da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – à época funcionando na Praça Augusto Severo, no bairro da Ribeira –, seminários com duração de dez dias, compreendendo palestras e discussões sobre filosofia, metodologia e ideologia da fundamentação do novo processo a ser implantado.

A temática desenvolvida era a base para a discussão e o aprofundamento da realidade social, política e cultural que vivia a sociedade brasileira, uma sociedade em transição, repleta de desafios que instigavam governantes e governados na busca de soluções. E, como se previa, esses temas e questões seriam suscitados tanto pelos estudantes em treinamento quanto pelos futuros alunos alfabetizando.

Não poderia ser diferente, sobretudo em razão de o método ser calcado em diálogos abertos e o ensinamento da leitura e da escrita basearem-se em situações contextuais a serem exploradas criticamente. Para isso, os futuros coordenadores dos círculos de cultura, além de serem capazes de refletir sobre si mesmos e de conduzir os integrantes do grupo a assim procederem, também deveriam analisar os cenários que se descortinariam quando da projeção das situações provocadoras dos debates.

Temas e palestrantes foram assim distribuídos:

- Atualidade brasileira: análise da conjuntura social, política, econômica (Paulo Freire);
- Deficiência e inorganicidade da educação no Brasil (Paulo Freire);
Paulo Freire, com sua fala coloquial, mostrava o quadro discrepante existente no Brasil, em todas as áreas, principalmente quanto à realidade educacional vigente, com suas deficiências seculares e conseqüente atraso

em relação a países com bem menos potencialidade que o Brasil, enriquecendo o que dizia com dados estatísticos.

- Planificação do desenvolvimento (Roberto Cavalcanti de Albuquerque);
- Economia brasileira (Roberto Cavalcanti de Albuquerque);

Nos dois seminários, o palestrante e condutor dos debates mostrava a falta de um plano geral de ação, integrando áreas e sistemas. Daí a improvisação de metas, decisões tipo “apagar fogo”, sem compromisso com a Nação, perpetuando a dependência em relação aos países ricos.

- Cultura brasileira (Luiz Costa Lima);
- Processo de desalienação (Luiz Costa Lima);
- Técnicas de debates – dinâmica de grupo (Jomar Muniz);
- Considerações gerais sobre o método (Paulo Freire e Aurenice Cardoso Costa);
- Fundamentação do método Paulo Freire (Jarbas Maciel e Jomar Muniz);
- Noções de metodologia (Aurenice Cardoso Costa);
- Material audiovisual, pesquisa vocabular, seleção de palavras geradoras (Paulo Freire e Aurenice Cardoso Costa);
- Aula de cultura (Paulo Pacheco e Aurenice Cardoso);
- Prática e metodologia do ensino (Paulo Freire e Aurenice Cardoso Costa).

Em um manuscrito sobrevivente, encontro anotações de aulas do mestre Paulo Freire, que passo a transcrever:

137

Metodologia do ensino da leitura

Considerações:

a) Ensinar e aprender

Tradicionalmente, de fora para dentro. Repetição de formas externas desconhecidas.

Modernamente, aprender é um ato próprio, e ensinar passa a ser um propor situações adequadas a ele para que o participante sinta o aprendizado, sinta a direção de sua própria experiência. E é por isso que ele diz que não há nada de novo.

E isto por quê?

Tratando-se de adultos que se pressupõe sejam amadurecidos, tenham experiência de vida e sejam mentalmente desenvolvidos. Logicamente, teremos de fazer uma educação de grupos.

Então, para isto tinha que ser elaborado um método ativo de educação de adultos, que leva os analfabetos não só a se alfabetizar, mas a ganhar a consciência de sua responsabilidade social e política. O sistema proposto proporciona ao homem muito mais que o simples alfabetizar, pois através da discussão de problemas locais, regionais e nacionais, torna-o mais crítico e o leva posteriormente a se conscientizar e a se politizar. O diálogo com os analfabetos a respeito dos seus problemas tem a vantagem

de torná-los mais críticos, pois só o diálogo leva o homem à reflexão e conseqüentemente a se tornar responsável.

Então, que método é esse? Que forma utiliza e que material?

O método é o analítico-sintético.

A forma é a de palavras, que poderá também ser de sentenças ou de trechos.

O material é composto de: fichas, cartazes, filmes, slides, etc.

Psicologicamente – O método respeita o adulto, o homem percebe a configuração, a organização total. Diante de uma casa, o adulto não diz: uma janela, uma porta, umas paredes, e, sim, eu vejo uma casa. A criança não vê o conjunto total, vê a figura e não o campo. O adulto é predominantemente objetivo e a criança é predominantemente subjetiva.

.....
Conceito de leitura:

Condições para uma leitura inteligente: desejar e amar a leitura. Ser capaz de ler inteligentemente. Ter o domínio da mecânica da leitura.

Ter a capacidade de ler rapidamente. Ter a capacidade de usar eficientemente os instrumentos da leitura.

Ter a capacidade de ler bem silenciosamente e oralmente.

Fundamentos:

Seleção de palavras geradoras – critérios:

a) Pragmático;

b) Linguístico;

c) Criação de situações sociológicas em torno das palavras geradoras;

d) Preparação de fichas-roteiro;

e) Realização do círculo:

1ª Fase:

Conceito antropológico de cultura;

Iniciação ao ensino da leitura e da escrita.

2ª Fase: Ampliação dos conhecimentos.

Como se vê, mesmo antes de se concluir a experiência implantadora do método em grande escala, fazia parte dos planos a continuidade do processo, quando se previa transmitir conhecimentos de aritmética, história e geografia.

Afora os temas listados, foram apresentados exemplos das práticas já ocorridas e o material didático a ser empregado.

O jornalista Luiz Lobo, que acompanhou, passo a passo, toda a montagem e o desenrolar do processo, tendo mais tarde produzido o filme *40 horas de Angicos*, disse em uma de suas reportagens que “os estudantes deveriam ter uma certa bagagem cultural e ideológica, porquanto o próprio método exigia mais que ensinar a ler e escrever, pois a experiência seria árdua e pioneira”.

Pesquisa sociológica e levantamento do universo vocabular

Motivados, instruídos e preparados para o enfrentamento do desafio, os recém-treinados coordenadores foram a campo, pois, como etapa preliminar, seria necessário realizar uma pesquisa sociológica com uma amostra significativa do vocabulário mais usual na comunidade-foco.

Quando o grupo chegou a Angicos era totalmente desconhecido da população e eles, os ditos analfabetos, nunca tinham ouvido falar de um projeto daquela natureza. Gente simples que cuidava de sobreviver com pouquíssimos recursos, trabalhadores do campo – que eram chamados de “alugados” –, sem terra, sem instrução, sem perspectivas; donas de casa, sem conhecimento do mundo, submissas, alienadas; adolescentes fora de faixa escolar, já trabalhando no campo para ajudarem os pais.

Como mobilizar pessoas com esses perfis? Difícil! Muito difícil! Desconfiados, fatalistas, tímidos, indiferentes, acomodados, supersticiosos, assustados mesmo, pois nunca haviam sido alvo, assim, de tamanha atenção e preocupação.

Divididos em pequenos grupos, íamos de casa em casa, de sítio em sítio, percorrendo caminhos de toda a cidade e do seu entorno mais próximo. Utilizou-se, também, anunciar a novidade por meio de um veículo munido de alto-falante, oportunidade em que se divulgava o novo projeto, seu objetivo e seus resultados previsíveis.

Mais que isso, os componentes do grupo pesquisador – quase todos estudantes universitários – se apresentavam, diziam quem eram, o que faziam. O fato de cursarmos o nível superior os animava, pois, na época, ser universitário era algo surpreendente, pois somente 1% da população chegava à universidade.

Os moradores sentiam-se valorizados, pois estavam sendo convidados por futuros profissionais, médicos, dentistas, advogados, professores, farmacêuticos, jornalistas, assistentes sociais etc. Assim, iam vencendo a timidez e, nesse convívio amistoso, misto de realidade e deslumbramento, ainda um tanto desconfiados, inscreviam-se no projeto.

Esse levantamento deveria registrar, prioritariamente, palavras e expressões utilizadas pela população-alvo, nas conversas informais com eles mantidas, ocasião em que também respondiam a um questionário, previamente estruturado pela equipe do Serviço de Extensão Cultural, o que possibilitaria também conhecer o perfil daqueles com quem se iria trabalhar.

Nas conversas intermináveis, foram registradas as palavras ditas e repetidas. Explorava-se, afora as respostas ao questionário, a compreensão que tinham da vida e da oportunidade que se oferecia, aproveitando para mostrar-lhes também que, com suas informações, já estavam colaborando ativamente com o planejamento e a prática das aulas.

Dessa forma, foi identificado o chamado “universo vocabular”, instrumento fundamental para a seleção de palavras geradoras e situações expressas em figuras que constituíram fichas, cartazes e *slides*, enfim, todo o material básico a ser utilizado.

As dificuldades a serem superadas começavam pelas estradas, pois a que ligava a sede do município a Natal era piçarrada, cheia de buracos e, quando chovia, ficava intransitável, de forma que, durante as idas e vindas do grupo, que se processavam semanalmente às segundas e às sextas-feiras, ocorreram três acidentes. Dois deles numa Rural Willys, dirigida pelo motorista de nome Altino, que só viajava em alta velocidade porque “tinha medo de alma”, e outro na Kombi dirigida por seu Clóvis, assassinado durante o trabalho em Mossoró.

Não havia comunicação telefônica residencial, apenas uma linha “Angicos-Açu”. Não havia aparelho de rádio, não se conhecia televisão. A única comunicação se fazia por meio dos correios e telégrafos. Segundo os números do IBGE, com base no censo de 1959, o município dispunha de 18 unidades escolares de ensino primário, com 809 alunos inscritos, e uma Escola Normal, com 38 matriculados.

Em razão da novidade de estarem sendo visitados, afagados, valorizados, os futuros alunos foram despertando o interesse e alguns, mais curiosos e receptivos, ofereciam suas modestas casas a fim de se instalarem os chamados círculos de cultura.

Após os primeiros contatos e já com a conquista da confiança, aplicava-se um questionário, no qual se registravam informações com base nos seguintes itens:

- | | |
|---------------------|----------------------------------|
| 1) Nome | 9) Material usado |
| 2) Sexo | 10) Diversão que prefere |
| 3) Idade | 11) Religião |
| 4) Procedência | 12) Aspirações |
| 5) Estado civil | 13) Acredita em mal-assombrados? |
| 6) Número de filhos | 14) Já viu? Onde? |
| 7) Profissão | 15) Acredita no plano? |
| 8) Instrumental | (no projeto de alfabetização) |

Com as respostas obtidas, foi possível dispor de informações necessárias à base do trabalho.

Faixas etárias:	14 a 19 anos	–	99
	20 a 29 anos	–	84
	30 a 39 anos	–	65
	40 a 49 anos	–	30
	50 a 59 anos	–	15
	60 a 69 anos	–	5
	mais de 70 anos	–	2

Sexo:	homens	–	156
	mulheres	–	144

Estado civil:	casados	–	159
	solteiros	–	133
	viúvos	–	5
	amasiados	–	3

Religião:	católica	–	285
	protestante	–	9
	sem religião	–	6

Profissões e atividades exercidas:

– Domésticas	94	– Desempregados	5
– Operários	46	– Bordadeiras	3
– Agricultores	38	– Carpinteiros	3
– Artesãos	24	– Motoristas	3
– Diversos	20	– Mecânicos	2
– Serventes de pedreiro	18	– Jornaleiro	1
– Pedreiros	15	– Parteira	1
– Lavadeiras	10	– Prostituta	1
– Comerciantes	7	– Soldado	1
– Funcionários	7	– Vaqueiro	1

Outra informação valiosa é a de que gostariam de aprender a ler e escrever para, entre outras coisas:

- simplesmente saber ler e escrever;
- melhorar de vida;
- ajudar os outros;
- ser professor;
- escrever cartas;
- votar;
- ler jornais e revistas;
- mudar de atividade etc.

141

Todo o material foi encaminhado para ser trabalhado por Paulo Freire e sua equipe. Após exame, sempre em articulação com o coordenador do projeto – o universitário Marcos Guerra –, foram selecionados os temas e desenhos representativos do contexto para comporem a aula de cultura, bem como as palavras geradoras também contextualizadas.

Ao mesmo tempo, o grupo se mobilizava para munir as salas, quase todas em casas de participantes, com carteiras e mesas adquiridas pelo Serviço Cooperativo de Educação do Rio Grande do Norte (Secern), órgão integrante da estrutura da secretaria de Educação, dispondo-as adequadamente nos apertados espaços disponíveis.

Abertura e início dos círculos de cultura

Durante a solenidade de abertura, ocorrida no dia 18 de janeiro de 1963, com a presença do governador, do secretário de Educação, de políticos, jornalistas, fotógrafos, com discursos e saudações, foi anunciado o início das aulas para o dia

20, uma segunda-feira. Mas, chegada a hora da operação propriamente dita, surgiu a dificuldade proveniente do não recebimento do material didático e dos equipamentos, uma vez que, apesar de os desenhos terem sido concebidos em Natal, a sua confecção deu-se no Rio de Janeiro. Certa frustração invadiu as cabeças dos alunos inscritos e uma nova desconfiança precisou ser trabalhada.

Na verdade, só foi possível concretizar esse intento no dia 24 de janeiro. A esperada aula de cultura foi projetada com grande repercussão em face da novidade dos equipamentos, projetores de *slides*, lâmpadas a gás em lugares sem energia elétrica, reservando-se, para o dia 28, a primeira aula de alfabetização propriamente dita, com o tema "valorização do trabalho".

A partir daí vivenciou-se um intenso trajeto de reelaboração, um caminho de coparticipação, de descobertas e de necessidades de introdução de novas práticas ao método. Esses procedimentos eram assimilados com muita naturalidade, pois partiam das reais necessidades surgidas nos círculos, e esta era a orientação recebida de Paulo Freire. Tudo deveria ser observado, revisto e avaliado a fim de se testar o sistema como um todo. Sob essa visão humana e democrática, nos reuníamos todas as manhãs e ficávamos horas a fio discutindo, sugerindo, complementando, alterando, ou seja, recriando e aperfeiçoando.

Quando o jornalista Bernard Collier, na reportagem para o jornal *Herald Tribune*, intitulada "Quando funciona a ajuda dos Estados Unidos", escreveu: "os instrutores são extremamente cuidadosos na maneira de tratar os alunos", é legítimo e justo acrescentar-se a mesma afirmação em relação aos procedimentos como um todo. Era unânime a opinião de que o conjunto refletia mais que zelo no trato, e sim um verdadeiro sentimento de amor que gerou confiança e respeito mútuos, ingredientes fundamentais para se lograr o êxito até hoje festejado.

Referências bibliográficas

BARROS, Adirson. Educação na quadragésima hora. *O Cruzeiro*, Rio de Janeiro, 4 maio 1963.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

SONDERMANN, Eliane; Lima, Simone. O mestre da esperança. *Escola & Vídeo*, Rio de Janeiro, n. 11, p. 8-25, out. 1994.

Valquíria Felix da Silva, advogada e mestre em Administração pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), foi coordenadora de círculos de cultura em Angicos, em 1963. Na área jurídica, exerceu os cargos de juíza de Direito, promotora de justiça, auditora e procuradora do Ministério Público junto ao Tribunal de Contas do Estado. Na área administrativa, atuou como assessora especial da Secretaria Municipal de Administração e como secretária de Estado da Administração.

Recebido em 21 de outubro de 2013.

Aprovado em 6 de novembro de 2013.